SUSTENTABILIDADE 20|30

ANTÓNIO COSTA SILVA ENTREVISTA DE VIDA

"Na prisão, quando chegava ao fim do dia vivo era uma vitória"

O poeta que gosta de pensar o país relata as torturas vividas em Angola e as batalhas que travou para mudar o setor do petróleo.

PRIMEIRA LINHA 6 a 11



Bruno Colaço

António Costa Silva
Entrevista

"Na prisão, quando chegava ao fim do dia vivo era mais uma vitória"

DIANA RAMOS E HELENA GARRIDO Jornalistas **BRUNO COLAÇO** Fotografia



Fez toda a carreira na indústria do petróleo, hoje setor maldito, e antes de se reformar aceitou o convite para liderar o Ministério da Economia e do Mar. António Costa Silva, o poeta que gosta de pensar o país, conta as torturas vividas em Angola no pós-25 de Abril, na cadeia. Hoje é um homem sereno. "Só não temos solução para a morte."

IM.

Os olhos brilham e ficam prestes a rebentar em lágrimas quando recorda um dos períodos mais marcantes da sua vida: a prisão, em Angola, após o 25 de Abril de 1974, a violência sofrida no cárcere e a tortura... O momento no qual achou que seria o seu último dia de vida, quando enfrentou a encenação de um batalhão de fuzilamento. António Costa Silva é o poeta que toda a vida trabalhou no setor dos petróleos, considerado setor maldito da transição. Nada mudaria nesse caminho, até porque foi essencial ao crescimento e ao desenvolvimento do século XX. Mas sempre reconheceu a necessidade de respeitar o ambiente.

Hoje, como ministro da Economia, quer afirmar os ativos e as potencialidades de Portugal junto da UE, posicioná-lo para a próxima política energética. Prefere não se imaginar a deixar legado, mas tem a ambição de mudar o país. António Costa Silva é também o rosto do lançamento da terceira edição da iniciativa Negócios Sustentabilidade 20|30, numa entrevista em que se dá a conhecer.

O setor no qual trabalhou toda a vida é visto como maldito, o petróleo. É um setor que está condenado?

O setor petrolífero, que está relacionado com a produção de petróleo e gás, foi crucial na transformação da economia mundial. O século XX é marcado pela emergência do petróleo e do gás que alimentaram a matriz energética do planeta. Winston Churchill, em 1911, quando era o primeiro lorde do almirantado – e é curioso que na história da energia há sempre um apoio inicial do Estado às grandes transformações –, ele que tinha toda a frota inglesa sustentada pela hulha que vinha do País de Gales, disse: "O petróleo vai ser o futuro." E fez-se a transformação. Há aí uma vontade de Churchill em Inglaterra, de Henry Ford nos EUA, que lançou a indústria automóvel da era moderna. E o senhor Gulbenkian, no Médio Oriente, a tentar negociar as concessões de petróleo nos vários países criando os embriões das grandes companhias internacionais.

Isso significa que teve o seu tempo...

Teve o seu tempo e marcou toda essa fase. Não se pode esquecer nunca – é por isso que eu acho que anatomizar o que se passou não é bom, não é boa política – que a transformação que, no século XX, vimos ao nível das economias mundiais foi extraordinária e está ligada a estas fontes de energia.

Por quanto mais tempo acha que vamos necessitar dessa fonte de energia. Ou não nos vamos desligar do petróleo?

Vai ser difícil desligar totalmente porque 83% da matriz energética mundial repousa sobre o petróleo, gás e carvão. E só 17% nas outras energias, incluindo as renováveis. Há muitos anos que defendo que as renováveis seriam o futuro. Mesmo dentro da indústria petrolífera lutei para que se investisse nelas, pois considerava que a indústria tinha, ao nível de conhecimento, das tecnologias, do offshore, todo o desenvolvimento que vai passar pelo conhecimento acumulado pela indústria petrolífera. Não podemos esquecer que ela teve um efeito extraordinário. Sabemos que o PIB mundial esteve estagnado, da Idade Média até a entrada do século XX, e depois teve um crescimento assinalável, exatamente porque as grandes tecnologias tiveram um impacto extraordinário na produtividade total dos fatores de produção. Isso é que mudou o mundo.

Voltaria a escolher a mesma carreira?

Não sou pessoa de me lamentar e de entrar em jeremiadas patéticas sobre a vida passada. Muito provavelmente faria a mesma coisa. Mas há algo que para mim foi marcante. Foi, no fim dos anos 90, fazer um projeto, um dos primeiros projetos que a UE apoiou, na confederação dos países independentes, que era o TACIS - (Technical Assistance to the Commonwealth of Independent States). Com uma equipa, ganhámos um projeto para fazer um masterplan para a indústria de petróleo e gás na Sibéria ocidental, em Tiumen. Lá está o maior campo de petróleo da Rússia, o Samotlor. E quando visitámos o campo, apetecia chorar. Na União Soviética, não havia respeito nenhum pelo ambiente – aliás é patente hoje no mar de Aral, que pura e simplesmente desapareceu –, mas a indústria petrolífera não tinha atenção às questões ambientais e aquilo era um pesadelo. Foi a partir dessa altura que disse: "Esta indústria só vai sobreviver se mudar completamente a sua relação com o meio ambiente e se apostar e diversificar as fontes de energia." Foi marcante e, a partir daí, fui um grande paladino dessa transformação da indústria. E se calhar não muito popular junto de alguns dos meus colegas...

> "Vai ser difícil desligar totalmente [do petróleo] porque 83% da matriz energética mundial repousa sobre o petróleo, gás e carvão. E só 17% nas outras energias.



Nasceu em Angola, no Bié, e em criança foi confrontado com a opressão do sistema colonial. Sentia-a?

Sim. Mais ou menos aos 8 ou 9 anos, tenho essas imagens muito claras na minha cabeça, andava a passear de bicicleta na terra onde nasci, Catabola. Havia um chefe de posto e vi uma fila de pessoas acorrentadas umas as outras, que iam ser enviadas para as fazendas de café do Norte, na zona do Uíge. Fiquei chocado e perguntei, desde logo ao chefe do posto, às pessoas, fui chamar os meus pais, os meus tios, e dizer: o que é que se passa? Depois fui a casa buscar água e alimentos para eles. E foi para mim um choque, digamos, epistemológico. Sou das pessoas que defendem, ao contrário de parte dos historiadores portugueses que diz que o sistema colonial português foi benigno e que não havia opressão, que havia opressão e uma opressão bastante profunda. Marcou a minha vida e o meu pensamento.

Marcou a sua consciência política e ideológica?

Penso que sim. Desde muito cedo na questão política, na reflexão sobre o que se estava a passar em Angola. E depois, já no fim do liceu e na ida para a universidade, era a não aceitação do regime colonial. Na universidade de Luanda, combatemos duramente o sistema de ensino, denunciámos o elitismo, fizemos exposições sobre a saúde, tivemos vários encontros com a PIDE, fomos admoestados pelo reitor... Não me arrependo de nada, penso que estávamos absolutamente certos. A única coisa em que errámos, provavelmente, foi termos apoiado um dos movimentos de libertação desde 1972, que era o MPLA, e depois, eufóricos, na altura da independência, continuámos o nosso caminho e viemos a ser presos pelo próprio MPLA. Passei três anos na prisão à conta disso.

Começou a militância na universidade, nos comités Amílcar Cabral. Esteve preso e houve momentos de tensão e de violência. Há quem diga que parte da serenidade e calma que lhe são características vêm desse período e do momento em que esteve perante um pelotão de fuzilamento.

Sim, isso marcou. Marcou completamente. Na prisão, em especial num regime totalitário, compreendemos o que é a natureza humana. E a natureza humana é capaz do melhor e do pior. Do melhor da parte dos presos, grande solidariedade – lembro-me de um dia em que fazia anos, e recordo isso com emoção, os meus colegas na cela cantaram os parabéns e isso foi algo que me marcou profundamente. Depois há todo o sistema concentracionário. Na prisão, compreendemos que não somos nada nas mãos de um regime totalitário. Os nossos nadas pouco diferem. Vi colegas a entrarem em disrupção total, a chegarem à loucura. Na prisão, fomos torturados, sobretudo nos primeiros seis, sete meses, em que estive quase dia sim dia não nas piores torturas que se podem imaginar. Depois, a simulação de fuzilamento... Estava extremamente sereno, aliás tenho poemas sobre esse dia. Quando eles me chamaram, o que é que acontecia na prisão de São Paulo, em Luanda? Vinham em ambulâncias brancas por volta da meia-noite. Eles iam às celas chamar as pessoas e nós sabíamos que era a última vez que as víamos. Fizeram isso comigo e eu pensei: chegou o meu dia. Eles quiseram que assinasse uma declaração a dizer que eu era agente da CIA, eu disse que não assinava. Puseram-me um papel a frente e eu escrevi "a vida é bela". Ficaram ainda mais irritados, venderam-me os olhos e pensei que era o último dia. Sei que saímos da prisão, ouvi o barulho das portas a abrir, levaram-me para um sítio. Sei que havia uma parede porque me encostaram. As armas não dispararam... E eu digo isso à minha família, eles não gostam muito de me ouvir dizer isto, que a minha vida depois desse dia é um bónus. E, mesmo na prisão, a maneira de resistir foi através do cérebro. Ali não temos nada. Recordava os livros que tinha lido, escrevia coisas na cabeça – foi assim que comecei a escrever poesia – e cada dia era uma vitória. Quando chegava ao fim do dia e estava

continua na página 8

IM. | Copyright licensed by Visapress | P. 3 of 7

IM.

António Costa Silva Entrevista

continuação da página 7

vivo considerava que era mais uma vitória. E depois nunca mais me esqueci, porque li na prisão, uma frase do Dostoievski que diz que "o homem é um animal que se habitua a tudo". Isto no bom sentido, mas também no mau sentido. A espécie humana também é muito resistente.

Sendo este um período tão marcante, o que tirou de positivo para levar no seu percurso de vida?

Muitas coisas. Parte é a serenidade. Quando o mundo está a desabar à volta, estar ainda mais sereno. Se entrarmos em convulsão connosco, não conseguimos resolver nada. Depois, aprender que há soluções para tudo. Só não temos solução para a morte. Nos problemas mais difíceis, mais complexos, a única hipótese é lermos bem os problemas, diagnosticarmos, e lutarmos para os resolver. E encontramos sempre uma saída. Temos de ser criativos. Quando há pessoas com diferentes perspetivas e sensibilidades, juntá-las e, a partir daí, encontrar uma solução conjunta. E aprendi a desconfiar dos que encontram a verdade, mas a acreditar que a vida tem de ser sempre uma busca pela verdade nas diferentes fontes.

A calma e a serenidade também o ajudam a olhar para a área da transição sustentável? Para os desafios que Portugal e o mundo têm?

Sim, absolutamente. Estamos numa situação difícil ao nível do planeta. Perdemos o controlo da situação global do planeta e somos uma espécie muito predadora dos recursos naturais. Os oceanos são um espelho disso. Quando olhamos para o desaparecimento das calotes polares – perdemos dois milhões de quilómetros quadrados nos últimos 30 anos –, o gelo é um estabilizador do clima da Terra e, se desaparece, o aquecimento dos oceanos torna-se incontrolável. Temos um problema gravíssimo com o permafrost, que cobre 25% do hemisfério norte. É o solo gelado onde estão armazenados 1,5 biliões de toneladas orgânicas de carbono, duas vezes mais do que todo o carbono na atmosfera. Se o solo gelado começa a aquecer, há a grande probabilidade de esse carbono se libertar e as condições de vida no planeta podem ser ainda mais difíceis. Depois temos uma extinção da biodiversidade como não temos paralelo nos últimos milénios. Temos um terço dos recifes de corais que já desapareceram, um terço dos tubarões e das raias, um terço dos moluscos de água doce, um quarto dos mamíferos, um quinto dos répteis e um sexto das aves. portanto, temos de nos perguntar a nós próprios o que estamos a fazer em relação ao planeta.



A conversa teve lugar no Ministério da Economia durante uma pequena pausa entre uma reunião de António Costa Silva. O gabinete do governante serviu de estúdio improvisado à gravação desta entrevista de vida.

E o que estamos fazer? Um dos seus artigos de opinião dizia que o futuro não se faz com medidas avulsas, demagógicas e simplistas. "Boas intenções com más ideias são a receita para o desastre." Mudou de ideias?

Não estamos a fazer nada do que é necessário. Sou também um bocado cético em relação às grandes conferências internacionais. Realizam-se e não sai nada.

As medidas adotadas pela UE, os objetivos no quadro da União, não são um contributo para esse caminho?

São um contributo, mas a UE sozinha não vai resolver os problemas do mundo. Posso dar um exemplo: os plásticos. Todos os anos, apesar de sabermos o imenso mal que os plásticos causam, continuamos a depositar 11 milhões de toneladas de plástico nos oceanos. E grande quantidade desses plásticos vem da Ásia. Portanto, se na UE adotarmos uma política mas ela não for consonante com o que se passa na Ásia não vamos chegar a nenhum caminho.

Fica a faltar países como a Índia e a China serem mais cooperantes nesta matéria?

Sem dúvida, todos os países serem mais cooperantes, mais vinculativos do que assumem como desígnios para a luta contra a ameaça climática. Mas o que temos verificado é que, com todas estas crises, quando estamos a olhar para a crise económica, para a crise energética, para a crise de segurança, para a crise geopolítica, para a crise pandémica, este é o topo do icebergue. Se começarmos a escavar o icebergue, a crise climática está a agravar-se e os países têm tendência a ignorá-la. Tivemos há dias a declaração extraordinária do ministro alemão da Economia, que é um dos colíderes do partido Os Verdes, a dizer que a Alemanha tinha de regressar ao carvão. Repare nos condicionalismos em que hoje nos encontramos. Isto está relacionado com erros estratégicos que a Europa cometeu. Eu, ao mesmo tempo que fui um defensor das energias renováveis, defendi que o gás era o combustível de transição. Alguns deputados europeus convidaram-me, há 10 ou 12 anos, para ir a Bruxelas discutir e a questão que levava era: cuidado com a dependência da UE do gás da Rússia.

Mesmo antes da guerra tem declarações a dizer que é um erro que vai ser pago muito caro ter a Europa refém da Rússia. Porque é que ninguém adotou nenhuma medida neste domínio?

Temos um problema grande na Europa, que ainda por cima é agravado com o Brexit, que é a continentalização das políticas europeias. E estamos a ver hoje, quando olhamos para a mobilidade elétrica, que os erros se repetem e que os países da Península Ibérica, Portugal em particular, não entram na equação. Nós esta-

"Não estamos a fazer nada do que é necessário. E sou cético em relação às grandes conferências internacionais."

"Esperemos não voltar a um quadro de fragmentação na União Europeia."

mos a lutar para transformar isso. Hoje, nas reuniões europeias, uso continuamente a questão do erro estratégico que a UE cometeu. Fui das pessoas que se bateram para que se fizessem as ligações à Península Ibérica e a diversificação do abastecimento da UE com o gás que vinha da bacia atlântica, com Sines como grande porto de entrada e as ligações nos Pirenéus. Logo escrevi nesse artigo que isto é um erro, que a Europa vai pagar caro quando a Rússia começar a usar a energia como arma geopolítica. E isso aconteceu.

A Alemanha tem culpas nesse processo?

A Alemanha e os países do Norte da Europa. Esperemos que não voltemos a esse quadro mental de fragmentação. Os países do Norte da Europa atuaram como "os sabedores" das decisões, penalizando o Sul, sem o mínimo de solidariedade. Felizmente isso foi superado, restabeleceu-se alguma unidade. Na crise pandémica, a Europa resolveu pela primeira vez usar mecanismos de mutualização da dívida, de lançamento do programa de recuperação e resiliência. Mas tenho muito receio de que a guerra na Ucrânia fragmente a Europa e que voltemos ao quadro mental anterior.

Está a falar do passado como se ainda não estivessem a corrigir os erros.

Mas não estão. Era por isso que estava a dar a visão do último Conselho da Competitividade, da parte do paradigma da mobilidade elétrica. O raciocínio não é olhar para os ativos que nós temos em Portugal e chamar esses ativos a desempenhar um papel na nova política europeia.

Está a falar do facto de a Comissão Europeia não ter tido em conta, para a estratégia de transição, a questão do lítio em Portugal?

Exatamente. Nem os nossos laboratórios de investigação na área da ciência dos materiais, que vai ser decisiva para o futuro.

Mas está a afirmar isso, enquanto ministro da Economia de Portugal?

Afirmei, e já houve consequências. Já houve reuniões com os comissários europeus para eles entenderem o que se estava a passar e para pôr, digamos, os nossos ativos no mapa.

"Temo que tenhamos aqui um intervalo na transição."

"Quando as crises acontecem, as pessoas tendem a abandonar os princípios em que insistiam. Temo que isso aconteça na UE."

Vê nos sinais de uma Alemanha a regressar ao carvão e no risco de fragmentação consequências da guerra? Ou há margem para países como Portugal poderem afirmar as suas tecnologias?

Há muitas destas crises que só aceleram a necessidade da transição energética, da transição digital, da luta contra a ameaça climática. Mas não podemos esquecer de que os países estão muito pressionados pelos problemas de curto prazo, particularmente os energéticos. E a UE importava da Rússia 155 mil milhões de metros cúbicos de gás por ano. Cortar o abastecimento da Rússia é colocar nos países do Norte da UE entre 1.400 e 1.500 grandes navios com gás natural liquefeito por ano, em portos que já estão congestionados e afetando toda rede de abastecimento no mundo. E é por isso que estão a recorrer soluções como o carvão. Temo que tenhamos aqui um intervalo na transição. E temos o mesmo comportamento do outro lado do mundo. A China, que estava a investir muito em renováveis, quando começou a ter problemas, não só em termos de energia como em termos económicos, voltou a apostar num grande programa das centrais a carvão. De certa maneira, a espécie humana aprende pouco com os erros. Como dizia o antigo secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan: de que vale a economia se nós não conseguimos respirar?

Mas qual é a sua perspetiva? É uma perspetiva de que estamos a dar um passo atrás para dar dois a frente?

Tenho sempre receio dos passos atrás porque eles podem consolidar-se e depois é mais difícil dar um passo à frente. E em muitos destes países isso pode acontecer. É evidente que a UE é a instituição do mundo mais avançada em termos das políticas ambientais. Mas esqueceu-se de as ligar às fontes de abastecimento, a ter um modelo flexível que podia ser funcional e responder a crises. Quando as crises acontecem, as pessoas têm tendência a abandonar princípios em que antes insistiram e temo que isso aconteça.

Sines foi visto como o elefante branco do Estado Novo. É o momento para que tenha um papel transformador?

Penso que sim. Se olharmos para o conjunto dos projetos de investimento em Sines, temos cerca de 17 mil milhões de euros de investimento que estão a ser tratados,

continua na página 10





António Costa Silva Entrevista

"Não estou aqui para fazer carreira. Ia para a reforma. Estou aqui para fazer o melhor que sei e o legado é a transformação da economia."

continuação da página 9

em diferentes fases obviamente. A parte da logística são cerca de mil milhões de euros, mas já está em expansão o cais. O porto tem uma capacidade de manusear cerca de 2,3 milhões de contentores por ano. Vai duplicar, com este projeto que já está em execução, e com um novo projeto, até 2030, vai quadruplicar. E 8 milhões de contentores significam que nos aproximamos do porto de Hamburgo e dos grandes portos europeus. Portanto, a logística é um fator fulcral. Há investimentos de cerca de 3,5 mil milhões de euros em tudo o que tem a ver com os cabos submarinos, a amarração dos cabos em Sines e os centros de tratamento de dados. Há já o Ellalink que liga Sines a Fortaleza, Brasil e toda a América do Sul. Há o cabo que liga a Cidade do Cabo, em África, que são 11.700 quilómetros, que é o Equiano, vai ter cerca de onze ramificações no continente africano, que é o cabo da Google. Há depois o 2africa e um outro cabo que vão desenvolver. Podemos ser um dos primeiros países a estar ligados aos cinco continentes com cabos de fibra ótica. Sabemos que eles são a base para a civilização. Toda a informação, as telecomunicações, tudo o que se passa nos diferentes domínios é fulcral. Agora, o que estamos a tentar é que os centros de tratamento de dados fiquem também em Sines. Já existe um centro que vai ficar. Vamos ver se a Google também ali instala um centro de tratamento de dados.

Está a ser negociado?

Não é uma área que dependa de mim, mas acompanho os meus colegas. É algo que se está a desenvolver. Depois, em toda a parte de energia temos 7,5 mil milhões de investimento. Desde logo os "players" tradicionais: a Galp, na questão da refinaria, vai transformar uma espécie de hub de energias verdes. A EDP, a Repsol, portanto, as companhias convencionais. Depois há outros projetos, da parte do hidrogénio, da parte das renováveis, dos gases renováveis. E se esses investimentos acontecerem Sines está extremamente bem posicionado e aí pode ser transformador. Criámos um grupo de trabalho, que está a ser coordenado pelo Ministério da Economia, para identificar os obstáculos e ver sinergias entre os projetos. Há também a necessidade, para a produção de hidrogénio, de haver renováveis em grande dimensão porque o hidrogénio vai ser feito com base na eletrólise da água, mas usando eletricidade de renováveis. E os parques fotovoltaicos, aí, são extremamente importantes. Provavelmente vamos ter também um aproveitamento de eólica offshore. Temos um potencial muito elevado no offshore ao nível da eólica e temos recebido propostas de empresas internacionais que querem desenvolver, com ilhas artificiais ou plataformas multiuso, que podem servir para desenvolver a energia eólica, a energia solar, a parte inferior ser usada para sistemas de aquacultura e estarem ligadas a sistemas de proteção do litoral. Podemos ter uma economia de escala com estas plataformas....

Mas quando é que identifica que esses investimentos vão estar no terreno?

Em Sines, a questão da logística já está a avançar, a dos cabos submarinos e dos centros de dados também. A parte toda que tem a ver com a energia, os projetos da EDP, da Galp, da Repsol, está em andamento. Os outros, que também estão propostos, é que ainda estão em fase de negociação.

E haverá cuidado com os efeitos dos investimentos nas renováveis nas comunidades e nas paisagens? Ou, na pressa de acelerar projetos, haverá menos cuidado?

Temos de ter aqui uma combinação de duas coisas. Alguns destes grandes projetos vão precisar de energia em grande escala, e por isso é que a eólica em offshore



pode ser uma das soluções. Mas não podemos esquecer da mudança do paradigma energético que está em curso. E eu sou fortemente favorável, por tudo o que se passa no mundo, e até pela crise energética atual, a termos comunidades energéticas autossustentáveis, descentralizando a produção de energia. Temos de caminhar para modelos de produção descentralizada usando os recursos locais, as fontes de energia renovável disponível para as comunidades se alimentarem a elas próprias. E nas zonas dos grandes polígonos industriais: Sines, Setúbal, Matosinhos, Leiria também é uma excelente área de desenvolvimento. Nalgumas destas zonas de maior desenvolvimento tecnológico do país temos de ter uma política, e depois no resto do país, para salvaguardar a sustentabilidade e tudo o resto, temos de apostar nas comunidades energéticas e na produção e consumo descentralizado da energia. Não significa que nas grandes áreas não se introduzam padrões de sustentabilidade.

"Estamos a tentar que os centros de tratamento de dados fiquem em Sines."

"Era importante mudar alguns protagonistas e dar nova dinâmica ao Banco do Fomento."

Há o risco de, nesta transição, haver um agravamento das desigualdades. De haver pessoas que são deixadas para trás. De que forma isto está a ser acautelado?

Era uma das preocupações que tinha sobre as agendas mobilizadoras. Nós tínhamos na segunda fase 64 agendas e passaram a 51. E, portanto, a análise dessas 51 mostra que todas as regiões do país são contempladas e elas podem ser um instrumento para reforçar a coesão territorial. E dos 7,6 mil milhões de investimento, cerca de 3 mil milhões são públicos e vão ser repartidos por todas as áreas do país e de uma forma articulada. O Norte vai ter cerca de 2,2 mil milhões e estas agendas cobrem praticamente toda a região. No Centro, são 2 mil milhões e vai de Leiria a Coimbra, a Guarda, a Castelo Branco, a todas aquelas áreas. Na região de Lisboa é cerca de 1,8 mil milhões. O Alentejo tem 1,3 mil milhões cobrindo vários clusters. Temos já hoje des-

IM. | Copyright licensed by Visapress | P. 6 of 7

envolvimento industrial no Alentejo, inclusive o cluster aeronáutico e também o relacionado com a indústria espacial, e também a economia da defesa. Depois teremos o resto no Algarve e nas regiões autónomas. E há uma grande preocupação de disseminarmos no país sementes, polos para o desenvolvimento industrial. Porque uma das razões por que nós não crescemos muito é porque temos uma estrutura produtiva muito desequilibrada e é um desequilíbrio muito grande entre o setor primário, o secundário e os serviços, e, portanto, se nós tivermos uma indústria mais competitiva e mais alinhada com os objetivos de reindustrialização e de autonomia estratégica da união europeia, provavelmente podemos ter uma configuração diferente do tecido produtivo.

Haverá muitas empresas que não vão aguentar estas múltiplas transições. Está identificado quem não vai sobreviver?

É verdade. É uma grande preocupação e às vezes é uma grande tristeza ver algumas empresas que se estão a confrontar com grandes dificuldades. Nós procuramos ter um grande pacote de ajudas que está no terreno, desde logo com a descida no custo dos combustíveis, com a redução em 10% do IVA. Temos a questão do tecto ibérico para o preço do gás para impedir que o preço da eletricidade seja...

Mas essas são medidas conjunturais. Nós estamos a falar a médio e longo prazo? Não é possível manter esses apoios para sempre.

Não é possível. Por isso é que também estamos a lutar ao nível da UE. A UE fez este pacote que é o Repower Europe. É evidente que não tem fontes de financiamento associadas, mas no fundo é para, face à situação de grande emergência em que estamos a viver, existirem apoios diretos a empresas que não são considerados ajudas estatais. Estamos a tentar que eventualmente seja desenvolvido o REPowerEU, seja mais consubstanciado e solidificado e esteja ligado também a fontes de financiamento para preservar ao máximo o tecido produtivo. Porque não é só o caso de Portugal isto afeta todos os países. Temos de encontrar respostas não só nacionais.

O Banco de Fomento nacional poderá ter um papel nesse processo?

O Banco de Fomento é uma das grandes ferramentas que nós temos e espero que entre em velocidade de cruzeiro e se consiga transformar no banco promocional do Estado. É evidente que foi criado em situações difíceis, coincidiu com a pandemia. A Dra. Beatriz Freitas fez um trabalho muito empenhado, muito diligente, com a equipa da altura. Mas nós sentimos, nesta fase, que era importante mudar alguns protagonistas e dar uma dinâmica diferente ao Banco do Fomento.

Também num artigo de opinião de 2019 dizia "que Portugal tem uma economia exclusiva, a maioria das pessoas não participa nas atividades económicas". "Os incumbentes são protegidos. As barreiras de entrada são elevadas. A concorrência e a competição são baixas. Hoje, com as funções que desempenha, mudou de opinião? O que é que está a fazer para mudar esta realidade?

Parece-me um diagnóstico certeiro sobre o país e está muito ligado a uma reflexão que estava a fazer na altura, depois de ler um livro extraordinário do Daron Acemoglu e do James Robinson: "Porque é que as nações falham?"

E o que está a fazer para mudar isso? É que esse diagnóstico, como pode imaginar, está feito há muito tempo...

Antes desta entrevista estava numa reunião que é um grupo de trabalho que criámos, também multissetorial, que envolve o Ministério da Economia, das Finanças, do Trabalho e o Banco de Portugal. E surgiu na sequência de um conjunto de estudos que eu estive a ver sobre a economia portuguesa, elaborado pelo nosso gabinete de estratégia e estudos, que é uma instituição de grande qualidade que temos.

E esse grupo está em que fase?

Gosto muito destes grupos informais, desde que estejam acordados com os ministros. Este trabalho vai avançar e já está a avançar com um conjunto de estudos e de indicadores que nós já estamos a partilhar. E agora o desafio é para cada um deles vermos o que vamos fazer.

O que é que o surpreendeu mais na governação, quando assumiu este cargo?

O que é que me surpreendeu mais? Como é que hei de explicar? A nossa capacidade para ler os problemas, diagnosticar as soluções, e depois uma grande incapacidade de atuarmos coletivamente. Acho que nós todos devíamos refletir sobre isso. Somos um país que funciona muito em silos, somos muito individualistas, não falamos uns com os outros, e temos esse espírito de grande ceticismo sobre o país, de crítica muitas vezes descontrolada...

Mas com razão, não?

Com razão, mas o país tem muitas coisas boas e temos de usar essas coisas para puxar o país para cima.

E qual é o legado que gostava de deixar?

Eu não sou importante não quero deixar nenhum legado.

Mas quer deixar trabalho feito, certamente.

Não. Não estou aqui para fazer carreira. Tinha programado ir para a reforma. Estou aqui para fazer o melhor que sei e posso e o legado é a transformação da economia portuguesa. Termos empresas mais competitivas. Termos maior capacidade de fabricar produtos e serviços de alto valor acrescentado. Afirmarmos mais o país no exterior. Aproveitarmos todo o investimento que foi feito em investigação e desenvolvimento tecnológico e ligarmos isso ao sistema produtivo para se avançar.

Que não será um trabalho de somenos certamente. Já falámos de poesia, uma das suas paixões. Tem escrito?

Sim. ■

A fechar a entrevista pedimos a António Costa Silva que declamasse um dos poemas da sua autoria. O ministro da Economia e do Mar optou por um texto que faz o resumo de uma das memórias da sua infância em Angola. O momento e a conversa podem ser vistos em vídeo em www.negocios.pt

Alpendre

Há um alpendre algures na minha infância.
Envolto em trepadeiras, depois da sala pura.
Sonâmbulo no passo lento, o avô passa a meia-luz.
Rosto da atenção e da severidade.
Promessa da palavra nos olhos iluminados.
Com as têmporas afundadas das tréguas da vida.
Os lábios da voz falam, no limite do improvável:
Sabes, filho, os alpendres são como os gatos.
Desconfiados, dissimulam o nosso desejo de horizonte.

A Iniciativa e o Prémio Nacional de Sustentabilidade

A entrevista de vida a António Costa Silva marca o pontapé de saída da 3.ª edição da Iniciativa Negócios Sustentabilidade 20|30, um projeto a 10 anos alinhado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. É no âmbito desta iniciativa que organizamos eventos com especialistas nacionais e internacionais em que a sustentabilidade é palavra de ordem, criámos o Conselho Estratégico | Fórum ESG Jornal de Negócios, com o intuito de trazer os CEO e líderes das maiores organizações em Portugal a debater todos estes temas, e publicamos os podcast Conversas com CEO. A curadoria está a cargo da jornalista Helena Garrido.

Outro braço essencial desta iniciativa é o Prémio Nacional de Sustentabilidade, o qual conta com o Alto Patrocínio da Presidência da República e distingue os melhores e mais inovadores projetos, em 8 áreas, relacionados com as temáticas ESG. No ano passado, contámos com 73 candidaturas avaliadas por um júri com mais de 50 das maiores individualidades.

Em 2020, ousámos fazer diferente lançando um debate para a década. Enquanto jornal económico de referência no país é esse o compromisso que iremos manter para com os leitores.

IM. | Copyright licensed by Visapress | P. 7 of 7